

Recensão: VOUTSSÁS MARQUEZ, Joan - La Convergencia LAM: bibliotecas, archivos y museos = LAM Convergence: Libraries, Archives and Museums. México: UNAM, Instituto de Investigaciones Bibliotecológicas y de la Información, 2023

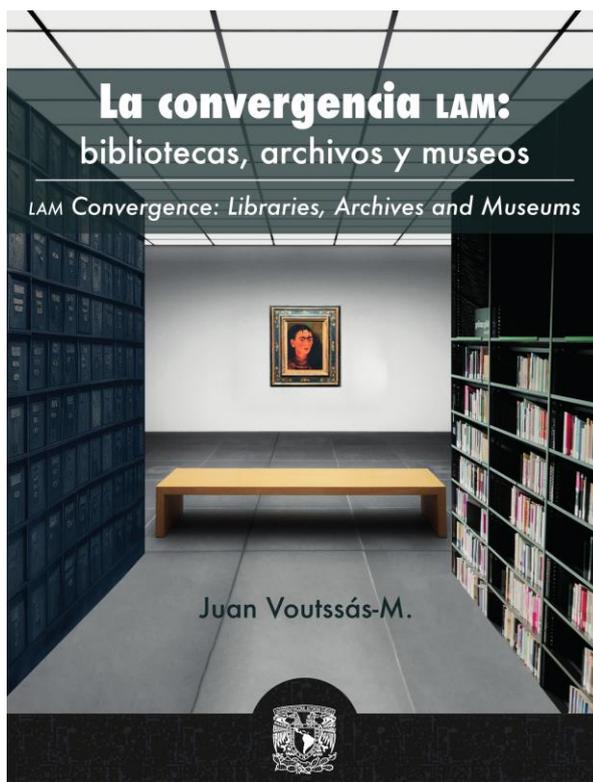
Review: VOUTSSÁS MARQUEZ, Joan - La Convergencia LAM: bibliotecas, archivos y museos = LAM Convergence: Libraries, Archives and Museums. México: UNAM, Instituto de Investigaciones Bibliotecológicas y de la Información, 2023

Armando Malheiro da Silva

<https://doi.org/10.21747/21836671/pag22deb>

Definir é indicar um ponto de partida e o subsequente ponto de chegada, ou seja, parte-se de uma perspectiva clara para caracterizar algo de forma conclusiva e válida. Encaixa bem neste modo de conceber o exercício definatório do termo/conceito de 'documento', que é chave para se perceber o alcance inovador da obra em apreço, sendo que as suas limitações derivam do respeito que o Autor, engenheiro informático por formação, criador de um novo tipo de suporte à informação natural (criador de novo documento), mantém em relação aos especialistas LAM (*Libraries, Archives and Museums*) apegados à perspectiva cumulativa e fragmentária, segundo a qual a Biblioteconomia, a Arquivística e a Museologia convergem pontualmente, mantendo, porém, a sua autonomia disciplinar. O Autor é muito respeitador desta perspectiva e devemos acentuá-lo, desde já. No entanto, e apesar disso, ele com a sua obra abala os alicerces essenciais, que, desde o séc. XIX, sustentam a pretensa autonomia epistemológica dessas três disciplinas.

Mas voltemos à definição de 'documento', que é basilar para a proposta do Autor sobre a possibilidade de haver convergência no processo de descrição dos documentos das três supostas áreas disciplinares. A definição mais simples e mais robusta que hé esta:



informação ou conteúdo registado/inscrito num qualquer suporte. E vejamos como Juan Voutsás Marquez aborda conceitualmente o documento: “Con respecto al documento desde los puntos de vista de bibliotecas y archivos, la diferencia no parece de inicio tan sustancial, pues ambos parten de una conceptualización principalmente “textual”, aunque ya se ha establecido que ambos campos manejan además otros elementos diferentes a los textos. Las diferencias fundamentales entre las dos disciplinas se han marcado en que básicamente las bibliotecas manejan y almacenan documentos que son publicados de origen y por lo mismo tienen múltiples copias, y estos poseen relaciones temáticas dentro de una colección; en cambio los archivos manejan documentos producidos y almacenados por una cierta institución derivados de sus funciones, que no son publicados de origen y tienen una sola o pocas copias, y además poseen relaciones jerárquicas dentro de un fondo. Aunque el tratamiento, organización, privacidad, etcétera, de ambos campos de estudio tiene componentes diferentes, esta característica de que la unidad de información sea un “documento” – principalmente textual permite que no estén tan alejadas las conceptualizaciones básicas de ambas disciplinas. (...) En las primeras décadas del siglo XX comenzó a abrirse esa visión a enfoques más amplios y “modernos” del concepto. Por ejemplo, Paul Otlet (1934, 217) amplió la definición de documento en su famoso *Tratado de la Documentación*. Él ya estableció ahí que los registros escritos y gráficos en efecto son representaciones de ideas o de objetos, pero también los propios objetos pueden considerarse como documentos si el lector o espectador consigue informarse mediante la observación de ellos. Este autor citaba desde entonces como ejemplos de documentos a los objetos naturales y a los artefactos” (p. 93-94).

Pela via aberta por Otlet o Autor acaba trazendo para o debate outros mais recentes e aceita uma noção ampla de documento que permite o objetivo central da convergência, que o tecnicismo corporativo não permitiu ensaiar até ao final do séc. XX. Aliás, a diferença que separava a identidade e o trabalho especializado de cada profissional (bibliotecário, arquivista e museólogo) eram os elementos técnicos de registo e o material de base ou suporte: um livro, como é referido na citação acima, é feito de papel impresso com múltiplas cópias e destinado a ser lido e possuído por um público vasto; o documento administrativo (de arquivo) é feito em papel mas não impresso e não se destina à publicação; e o objeto tridimensional exibido num Museu não é, nem de papel, nem textual. Se a isto somarmos a proposta de Otlet, que a sua discípula Suzanne Briet amplificou, pela qual o documento é todo o objeto ou coisa da qual posso extrair informação ou conhecimento, fecha-se o mais subtil e erróneo dos equívocos. Erróneo por confundir o inconfundível, ou seja, por confundir o conteúdo com o continente (o vinho com a garrafa): uma pedra extraída do solo e uma pedra com inscrições epigráficas provocam a obtenção de informação/conhecimento de formas cognitivamente muito diferentes e que sinalizam onde está verdadeiramente o alvo do bibliotecário, do arquivista ou do museólogo. A pedra que o geólogo vai estudar não tem em si informação, mas vai ser produzida informação/conhecimento geológico; a epígrafe é um documento no sentido simples e consensual: possui informação inscrita com um estilete. Assim, também uma cadeira contém informação uma vez que ela foi feita a partir de uma ideia desenhada geometricamente e concretizada em madeira ou em ferro ou em plástico. E, neste sentido, o sujeito diante de uma epígrafe ou diante de uma cadeira começa por “ler” ou descodificar o que ambas contêm (o texto da pedra ou a ideia funcional de cadeira não se confundem com o material que as torna visíveis e palpáveis). O recurso a exemplos práticos visa tornar compreensível o que persiste em ser ignorado ou desconhecido.

Juan Voutssás-Marquez não adota o conceito operatório de ‘informação’ e por isso não a separa conceitualmente da noção de documento, o que tem consequências na postura epistemológica subjacente a toda a obra. Ele está condicionado pelos limites impostos documentalmente, porém esta limitação não o impede de mostrar que é possível convergir na descrição catalográfica dos três tipos de documentos LAM, mas sem ousar chegar a uma posição transdisciplinar por demais evidente: as disciplinas LAM convergem para um mesmo e único objeto, que é a informação/conhecimento. Embora a preservação dos suportes, ou seja, dos materiais, seja importante nos serviços LAM, não é o alvo ou fim da atividade dos respetivos profissionais, cuja missão central consiste em tornar acessível a informação contida nos documentos das três instituições ou serviços. E catalogar, classificar e indexar tais documentos permite que eles sejam usados e explorados por quem os busca e saberá explorar. O conteúdo textual ou ideográfico é do ponto de vista semiótico uniforme e, portanto, não reside neste plano nada que separe epistemologicamente as disciplinas LAM.

Esta evidência esbarra, porém, na dificuldade ou conveniência corporativa em não separar do conjunto visível e palpável as duas substâncias distintas: a material e o mentefacto (a representação cognitiva codificada, plasmada ou inscrita no material de suporte). E o Autor não ousa transpor a linha para a perspectiva evolutiva e a transdisciplinaridade. A prova disto reside no modo como segue a apresentação em separado das disciplinas LAM mais a Ciência da Informação, tida como a mais jovem surgida no pós-guerra com a emergência dos computadores.

A obra não se estrutura em capítulos numerados, embora bem demarcados e essencialmente quatro. O primeiro intitula-se *Conceptos Básicos* onde são apresentadas as disciplinas sobre as quais incide a convergência e a integração descritiva - a Bibliotecologia, a Arquivística, a Museologia e a Ciência da Informação -, usando para este efeito uma ampla, atualizada e qualificada bibliografia, escudando-se o Autor nesse arsenal conceitual e conseguindo, sem questionamento radical da alegada autonomia de cada uma, mostrar a praticidade de otimizar recursos e permitir uma base de acesso comum, recuperação pelos utilizadores dos diversos documentos disponíveis. No segundo capítulo, *Similitudes y diferencias LAM*, prepara, através de vários tópicos (um deles já enfatizado no início desta recensão, *El concepto ampliado de documento*), a base teórica para tornar conveniente e natural a almejada convergência, que se efetiva no capítulo terceiro *Integración y convergencia*. No entanto, é no quarto capítulo que o Autor elenca o *modus operandi* para que as LAM possam adotar “políticas comuns” de organização e descrição documental. Como o próprio título sugere, *Construcción de la convergencia LAM*.

Este último capítulo torna o trabalho de Juan Voutssás-Marquez um instrumento de grande utilidade para os profissionais das LAM e muito especialmente para todo e qualquer utilizador, a quem tem sido negado, de forma absurda, o acesso por via comum ou convergente a informação dispersa em diferentes “continentes” ou suportes.

O absurdo torna-se, hoje, plena aberração por força do impacto que a tecnologia digital gerou já no território das LAM através da criação das Bibliotecas, Arquivos e Museus digitais/virtuais e da emergência dos famosos Repositórios abertos a qualquer tipo de documento tradicional digitalizado. O impacto é de tal forma incontornável que na UNAM realiza-se um evento periódico que trata precisamente da convergência LAM na dimensão *online*. Trata-se de uma radical mudança de suporte e a transferência dos documentos das instituições ou serviços clássicos (onde os leitores ou visitantes têm de se deslocar

fisicamente para terem acesso aos documentos) para plataformas acessíveis a partir de computadores (fixos ou portáteis) e *smartphones*. Esta mudança fecha o ciclo dos lugares de memória (Pierre Nora) da Modernidade e concentra-os na infoesfera.

O que esta mudança traz, em termos epistemológicos, é a implosão das especificidades das LAM que supostamente justificam a sua autonomia, alguma interdisciplinaridade e a impossibilidade da dinâmica transdisciplinar. Ora, não vale a pena insistir no indefensável: reconfigure-se a Ciência da Informação para ela ser a disciplina que assume a herança LAM, integrando-a no seu corpo único teórico-metodológico e passe a dialogar de forma equilibrada e efetiva com o trabalho computacional.

O contributo de Juan Voutssás-Marquez está no caminho do óbvio e do que é certo, porém espera-se que o Autor ouse mais e aprofunde o debate epistemológico com os trabalhos e reflexões do seu conterrâneo e colega, Miguel Rendón Rojas.

Armando Malheiro da Silva | [malheiro@letras.up.pt](mailto:malheiro@letras.up.pt)

Universidade do Porto - Faculdade de Letras / CITCEM, Portugal